

DESEJO E CULPA EM AMOR DE PERDIÇÃO, DE CAMILO CASTELO BRANCO

MIGUEL RETTENMAIER DA SILVA*
(CECLIP/CPGL/PUCRS)

Sempre que nos deparamos com uma obra do romantismo, fica-nos, por toda a carga pejorativa que adjetiva o período literário, a impressão de que temos a nossa frente uma leitura que exaltará mais a reincidência de prantos inconsoláveis, de amores impossíveis, de heroísmos desnecessários e de tramas ingênuas do que a elaboração estética e a verossimilhança. A questão é que nem só de sentimentalismos vive o romantismo. Por trás de todas essas fabulosas manifestações, há um mundo onde o *Zeitgeist* romântico se legitima.

Para julgarmos com o merecido cuidado um texto do romantismo, é fundamental que conheçamos o contexto socio-cultural que possibilitou semelhante literatura. Pois, se existia uma necessidade tão grande de se incorporar à realidade burguesa narrativas e poemas tão apaixonados, é porque a realidade em si o possibilitava: em primeiro lugar, a exaltação, a emoção e o colorido românticos eram frutos de um desejo de ruptura com os padrões racionais, sóbrios e contidos do temperamento clássico; em segundo lugar, tais manifestações nada mais eram que uma busca por idealizar uma realidade que se diferenciava do mundo real opressor que pouco realizava das promessas de liberdade, igualdade e fraternidade que adornaram as transformações baseadas nos princípios liberais. É lícito, então, que se perceba, nessas construções artísticas forradas de um sentimentalismo às vezes choramingas, uma séria denúncia velada (e talvez até inconsciente) de uma atmosfera política conturbada, de um mundo em conflito. Nas palavras de Hauser, em *História Social da Literatura e da Arte*:¹

(...) logo a seguir à Revolução (...) nenhum povo do Ocidente – ou pelo menos a classe intelectual de nenhum povo – se sentia contente e em segurança em seu país. A sensação de despatriamento e de solidão tornou-se o sentimento experimentado pela nova gera-

* Mestrando de Teoria da Literatura do Curso de Pós-Graduação em Letras (CPGL) e pesquisador do Centro de Culturas de Língua Portuguesa (CECLIP) da PUCRS.

¹ HAUSER, Arnold. *História Social da Literatura e da arte*. v. 2. 3. ed. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1980, p. 828.

ção; toda a sua concepção de vida foi por ele influenciada. (...) A fuga para a utopia e o conto de fadas, para o inconsciente e o fantástico, o espectral e o misterioso, para a idade infantil e o estado da natureza, para os sonhos e a loucura, tudo eram formas disfarçadas e mais ou menos sublimadas do mesmo sentimento, do mesmo anseio de irresponsabilidade e de uma vida livre de sofrimentos e de frustração – tudo tentativas de fuga para esse caos e anarquia contra que o classicismo dos séculos XVII e XVIII lutara, umas vezes, alarmado e enfurecido, outras com graça e com espírito, mas sempre com a mesma deliberada decisão.

Desconhecedor da problemática que envolvia a época, pode o leitor apressar-se em sua avaliação sobre as obras do romantismo. Não ciente do caráter atribulado do espírito dessa época, pode o leitor ignorar as qualidades da obra *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco.

Já no nome, carregado de dramaticidade desmedida, essa obra nos faz somente antever a mesma tônica emocional do período do qual faz parte. A questão é que não podemos prejudicar e limitar nossa leitura em nome desse clichê. Se queremos mesmo ler a obra, devemos nos despir de todos os preconceitos contra ela. Pois há realmente muito nela a ser descoberto.

Camilo era um observador sagaz de sua época. Em Portugal, a indefinição política posterior à Revolução Francesa também se fazia sentir, mas, se no restante da Europa o liberalismo pelo menos tentava orientar-se, na pátria de Camilo os valores aristocráticos teimavam em se estabelecer à sombra dos referenciais liberais. Ao mesmo tempo em que o individualismo passava a valorizar-se nas instituições políticas e econômicas, o patriarcado monárquico insistia na permanência de seus valores, a dominação clerical não se apartava da importância que em si vislumbrava junto ao Estado. Essa indefinição afligia profundamente a Camilo, pois apenas piorava os conflitos inerentes ao pós-Revolução. Por isso, em *Amor de Perdição*, Camilo desvela a sociedade patriarcal, mostra a corrupção aceita e defendida pelos instrumentos de repressão dessa sociedade, e ilustra com dramaticidade romântica os conflitos que a repressão social e cultural fazem nascer nos integrantes dessa cultura. Constrói suas personagens Teresa e Simão como "corpos estranhos" dentro do cosmos da época, e a partir deles nos fornece uma leitura do quanto pode ser desprovida de humanidade uma civilização em mutação que ainda resiste a mudanças não convenientes às normas estabelecidas. Passemos a pensar sobre os protagonistas dessa epopéia em sua busca de uma essencialidade verdadeira, essencialidade essa vista, por eles, somente na realização do amor.

* * *

Todorov escreve em sua obra *As estruturas narrativas*,² que tanto o psicótico como o drogado são punidos em nossa sociedade pelo fato de transgredirem alguns tabus, por agirem de uma maneira considerada *culpada*. Sobre a culpa também temos a seguinte citação retirada de *O conflito das interpretações*,³ de Paul Ricoeur:

Como a civilização obedece a um impulso erótico interno visando unir os homens numa massa mantida por vínculos apertados, ela só consegue isso por um único meio, reforçando sempre mais o sentimento de culpabilidade. (Grifo nosso).

Ricoeur não pretende distinguir cultura de civilização, e, onde lemos que a civilização une os homens por um impulso erótico, podemos aceitar, no lugar da palavra civilização, o termo *cultura*, que, segundo o autor, não é tão "desinteressada" como parece ser. À noção de cultura corresponde não apenas o imperativo do impulso erótico que une os grupos, mas a necessidade do cerceamento de alguns desejos de seus integrantes por determinações morais. Essa proibição, (motivadora, nos indivíduos, do chamado *Mal-estar na civilização*) se faz pelo intermédio da *culpa*.

Aqui retomamos o psicótico e o drogado mencionados por Todorov: a sociedade trata-os como criminosos pois, para ela, não sofrer de culpa é transgredir – a culpa é a censura que coibe excessos. Ora, tanto o psicótico como o drogado são sempre ou eventualmente desprovidos de censura. Seus desejos são obedecidos sem os obstáculos da culpa – não há tabus que barrem a voracidade de sua libido. E se a culpa não os pode reprimir, é a sociedade que encarna a função repressora.

Como aplicar a visão da culpa e do desejo, a partir de um estudo do comportamento das personagens na obra *Amor de perdição*? A pergunta pode ser respondida simplesmente, apesar de a análise guardar certa complexidade: nas personagens principais Simão e Teresa há um evidente processo de desejo – as personagens se amam desmedidamente, como típicas personagens românticas, e, apesar da transgressão às convenções que esse sentimento suscita, não demonstram em momento algum qualquer sentimento, reflexão ou ato que denote culpa. Como o psicótico ou o drogado, perderam os freios da libido, arremessaram-se ao desejo sem qualquer hesitação – foram, por isso, punidos. Nas personagens Simão e Teresa, o amor abafou os atributos da razão; mesmo que destrutivo, foi cultivado. Como um vício, levou à morte, à "perdição". A sociedade pode respirar aliviada. Sua segurança estava mantida.

Convém, pois, conhecer essa sociedade que usou de tanto rigor contra os protagonistas dessa história de amor.

² TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1970.

³ RICOEUR, Paul. *O conflito das interpretações: Ensaio de Hermenêutica*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1978, p. 112.

Inicialmente, é importante, para uma leitura mais aprofundada dessa sociedade, que observemos uma instituição de forte papel na cultura de então: a Igreja. Na obra de Camilo temos o clero não como um portador das virtudes que defende, mas como uma instituição contaminada por inúmeros vícios. O desejo de um padre por Mariana, filha do ferrador João da Cruz; a forma como vivem e se comportam as freiras do convento de Monchique; toda a impureza de um sistema que hipocritamente defende a purificação são reflexos de uma estrutura social corrompida em seus valores e desonesta em sua própria avaliação, são reflexos de uma sociedade que apesar de toda a devassidão de sua Igreja, ainda reserva a ela uma influência incontestável na normatização da cultura. Além disso, se os elementos do clero têm tanta importância nesse meio é porque, mais do que guardas e juizes da moral estabelecida, são *símbolos* que correspondem a um bem cultural supremo a partir do qual se conjuga todo o tecido social: às palavras *padre e madre* correspondem *pai e mãe*, os geradores da *família*, o bem de suma valorização na sociedade burguesa. Tal identificação servirá para mostrar o quanto corrompida encontra-se também essa instituição.

A construção da família, no texto, apresenta-se em um padrão que não se aproxima do contato pelo afeto. O casamento é antes de tudo um trato, uma deliberação racional objetivando fins distantes do amor. É o princípio da formação de uma célula cujos integrantes são elementos de funções definidas a priori e que tem como núcleo poderoso o patriarca. Assim, tanto Domingos Botelho, pai de Simão, como Tadeu de Albuquerque, pai de Teresa, são os patriarcas que deliberam sobre o destino de todos integrantes de seus respectivos clãs. É deles o poder de estipular punições, e assim o fazem sem qualquer objetivo educativo – o poder da punição é uma das formas de mantê-los na liderança de seus clãs. Tem o direito, então, o pai de Simão de concordar, em certa altura da obra, com a pena de morte a que está sujeito seu filho pelo assassinato de Baltasar Coutinho. Recusa-se a praticar qualquer ato em sua defesa, como nos aponta um trecho de uma carta que uma das Botelho escreve ao narrador lembrando o fato:

Quando isso (*a condenação de Simão*) se soube em Vila Real, todas as pessoas ilustres da terra foram a Montezelos, a fim de obrigarem o pai a empregar o seu valimento na salvação do filho condenado. (...) Meu pai a todos respondia com estas palavras: – A força não foi inventada somente para os que não sabem o nome do seu avô. A ignomínia das famílias são as más ações. A justiça não infama senão aquele que castiga (p. 87).⁴

⁴ BRANCO, Camilo Castelo. *Amar de perdição*. São Paulo: Núcleo, 1993. Todas as citações serão retiradas dessa edição.

Um acontecimento, entretanto, faz com que Domingos mude de idéia: um dos patriarcas da família exige de sua parte uma atitude de defesa, não por Simão, mas pelo nome Botelho, como revela mais um fragmento da mesma carta ao narrador:

Tínhamos nós um tio-avô, muito velho e venerado, chamado Antônio da Veiga. Foi este quem fez o milagre, e foi assim: apresentou-se a meu pai e disse-lhe: – Guardou-me Deus a vida até aos oitenta e três anos. Poderei viver mais dois ou três? Isto já nem é mais vida: mais foi-o, e honrada, e sem manchas até agora, e já agora há de assim acabar; *meus olhos não hão de ver as desonras de sua família*. Domingos, ou tu prometes aqui de salvar o teu filho da força, ou eu na tua presença me mato. (...) Meu pai teve-lhe mão no braço, e disse-lhe que Simão não seria enforcado. (p. 88) (Grifo nosso.)

A partir daí, a postura de Domingos muda. Interceder não pelo filho, mas pela família (e por ele mesmo) é sua *função* de pai. Consegue, pois, para o filho a pena de degredo, usando de sua influência e de corrupção (perceba-se aí, como já dito anteriormente, a corrupção da sociedade refletida na devassidão do clero). Na luta pela atenuação da pena do filho, tem Domingos a oposição de seu velho inimigo, Tadeu Albuquerque, pai de Teresa:

Tadeu de Albuquerque acompanhou a Lisboa a apelação, e ofereceu a sua casa a quem mantivesse de pé a força de Simão Botelho. O pai do condenado (...) foi para Lisboa lutar com o dinheiro e com as poderosas influências que Tadeu de Albuquerque granjeara na Casa da Suplicação e no Desembargo do Paço. Venceu Domingos Botelho, e, *instigado mais do seu capricho que do amor paternal*, alcançou o Príncipe regente a graça de cumprir o condenado a sua sentença da prisão de Vila Real. (p.116) (Grifo nosso.)

É interessante mencionar a semelhança de atitudes entre Tadeu e Domingos. Inimigos de épocas anteriores devido a uma sentença judicial na qual o magistrado Domingos Botelho condenara o pai de Teresa a uma perda de *patrimônio*,⁵ é a partir da sua inimizade que nasce a infelicidade de seus filhos por não poderem concretizar seu amor. Apesar de estarem em lados opostos, é idêntica a reação de cada um perante as situações em que tem de usar de seu poder patriarcal. Da mesma forma que Domingos, Tadeu cumpre o seu papel de julgador e algoz da filha. Decide mandá-la a um convento, afastando-a do filho de seu inimigo. Tal sentença, e sua consequência, a distância de Simão, levam Teresa a uma profunda infelicidade que quase a conduz à morte. Nem mesmo nesse momento, há afeto nos atos do pai. Decide retirar sua filha do convento do Porto, mas há outra razão que o motiva a essa escolha: a proximidade de Simão quando de sua

⁵ Observar a etimologia da palavra *patrimônio* (radical latino *pater*, de patriarca).

transferência para os cárceres da mesma cidade onde se encontrava sua filha:

O velho, tocado de piedade e *porventura de amor paternal*, delibrou tirar do convento a filha, na esperança de salvá-la ainda. *Uma forte razão crescia àquela: era a mudança do condenado para os cárceres do Porto.* (p. 94) (Grifos nossos).

Deve-se, ainda, destacar a semelhança entre Domingos Botelho e Tadeu de Albuquerque por um justo motivo: se eles são semelhantes, se são patriarcas calculistas e dominadores típicos, temos em Simão e Teresa uma nova semelhança que se opõe totalmente à postura dos patriarcas. Já mencionamos a forma como são tratados tanto o psicótico como o drogado em nossa sociedade. São contraventores, e assim o são por não guardarem em si a censura dos elementos adaptados à cultura. Simão e Teresa podem ser comparados ao psicótico e ao drogado: se nesses a censura é abolida em virtude de alguma neurose ou da ingestão de alguma droga, nos protagonistas da obra a contravenção se dá por serem eles possuídos de um sentimento extremado, de um afeto não pertinente à cultura que os cerca, e que os levará a serem punidos. Desprovidos de culpa para refrear os ímpetos de seus sentimentos, o casal sofrerá a censura pública determinada pela sociedade representada por seus patriarcas.

Entretanto, a punição em uma sociedade cristã anda ao lado do perdão. Admitida a culpa, a "piedosa" organização pode realviar penas vangloriando-se da própria bondade. Após as sentenças dos patriarcas possibilitou-se um lume de tolerância às penas de Simão e Teresa. A Simão, a dada altura da narrativa, poderá ser possível o cumprimento da pena em seu próprio país; a Teresa é dada uma possibilidade de sair do convento. O que ocorre, entretanto, é que os dois, motivados por aspectos que analisaremos a seguir, recusam a tolerância que lhes é oferecida. Simão insistirá em seguir no desterro, mesmo sabendo que isso o levará à morte; Teresa permanecerá no convento mesmo ciente de que ali terá seu fim. A semelhança de posturas é algo sintomático e, paralelamente aos motivos expostos na narrativa, temos um outro mais profundo, que se manifesta nas entrelinhas. Tanto Simão como Teresa não querem de forma alguma aceitar o "perdão" pelo motivo de que, aceita a oportunidade dada pela sociedade, incorrerão em uma única alternativa: representar e reproduzir a sociedade a que não se adaptaram. Um exemplo contrário de comportamento está no irmão de Simão, Manuel Botelho, e em sua "esposa", uma açoriana. O fato é que ambos também incorreram em crimes contra os padrões da sociedade: Manuel abandonou os estudos e fugiu com a moça, que era casada com um médico. Foi sustentado por sua mãe por algum tempo, mas teve que voltar a sua cidade, pois outras despesas não possibilitavam que se lhe continuasse a mandar dinheiro. Volta, então, Manuel com a açoriana, mas já demonstra arrependimento por seus atos. Ao ser visitado pelo de-

sembargador Mourão Mosqueira, apresenta a açoriana como sendo sua irmã. Essa, em outro momento, é pressionada por Domingos e, sendo-lhe apresentados seus "erros", aceita humildemente ajuda desse para voltar à casa de sua mãe, separando-se de vez de Manuel. O destino dos dois é perfeitamente readaptado à sociedade, e eles se tornam, assim, representantes do mesmo sistema a que antes desobedeceram:

Partiu para Lisboa a açoriana, e dali, para sua terra, e para o abrigo se sua mãe, que a julgara morta, e lhe deu anos de vida, se não ditosa, sossegada e desiludida de quimeras.

Manuel Botelho, obtido o perdão pela preponderância do corregedor do crime, mudou de regimento para Lisboa, e aí permaneceu até que, falecido seu pai, pediu baixa e voltou a província". (p.109)

Pode ser explicado agora o porquê da forma rude como Simão recebeu o irmão quando esse foi visitá-lo na prisão. Manuel corresponde a tudo o que Simão não aceitará ser. A ironia disso tudo é que Manuel e a açoriana viverão, darão continuidade à cultura que expurgou Simão e Teresa. Manuel e sua amante não hesitaram na admissão de seus erros, confessaram-se culpados no momento em que aceitaram o abrandamento ou a anulação da pena. Simão e Teresa não podem aceitar o perdão, pois para eles não houve erro nenhum. Não podem mostrar arrependimento, porque não encontram culpa nos seus atos. Inadaptados ao padrão "funcional" dos papéis, não encontram vida em uma sociedade que não valoriza o amor. Simão não deseja ser um patriarca ou um elemento de uma sociedade patriarcal, quer apenas amar e ser amado por Teresa. Quanto à Teresa, discorda dos valores de seu pai, a partir dos quais um marido excelente seria um composto de riqueza, ciência e virtudes (um patriarca); para ela, um marido não poderia ser outra coisa que não o objeto de seu amor.

Em *O conflito das interpretações*, de Paul Ricoeur temos uma interessante relação entre a origem do monoteísmo relacionada à estrutura patriarcal da sociedade:

Seguindo a sugestão de Charles Darwin, Freud admite que, nos tempos primitivos, o homem vivia em pequenas hordas cada uma delas sendo governada por um macho vigoroso que dispunha à vontade e brutalmente de um poder ilimitado, reservava-se todas as mulheres, castrava e massacrava os filhos rebeldes. Seguindo uma hipótese tomada de empréstimo a Atkinson, os filhos rebeldes se uniram contra o pai, o mataram e o devoraram, não somente para se vingarem dele, mas para se identificarem com ele. Enfim, conforme a teoria de Robertson Smith, Freud admite que o clã totemico dos irmãos sucedeu a horda do pai. Para não se arruinarem em lutas vãs, os irmãos chegaram a uma espécie de contrato social e instituíram o tabu do incesto e a regra da exogamia. Ao mesmo tempo, sofrendo sempre da ambivalência do sentimento filial, restauraram a imagem do pai sob a forma substituída do animal tabu.

A refeição totêmica tinha, então, a significação de uma repetição solene do assassinato do pai. A religião tinha nascido, e a figura do pai, outrora executado, era seu centro. É essa mesma figura que ressurgirá sob a forma dos deuses e, melhor ainda, sobre a representação de um Deus único, onipotente, até fazer a volta completa na morte de Cristo e na comunhão eucarística.⁶

A longa citação acima se justifica pela objetividade como Ricoeur coloca um processo tão complexo que se constitui pelo parricídio e pela sagração paterna e permite-nos dar continuidade à análise da narrativa camiliana. Considerando a colocação acima, não poderíamos identificar os patriarcas Tadeu e Domingos ao macho vigoroso que dispunha à vontade e brutalmente de um poder ilimitado? Parece-nos que as semelhanças são evidentes. A figura do macho vigoroso é uma representação do patriarcado, da sociedade patriarcal. À rebeldia de Simão e de Teresa seguiram-se as devidas punições – foram castrados pela separação a que foram submetidos, foi-lhes impossibilitado o contato físico, o contato sexual.

Sigamos, entretanto, de forma mais profunda essa linha de pensamento. Lemos em Ricoeur que os filhos, após matarem e devorarem o pai, reintegraram-no ao grupo como bem cultural. O próprio ato de devorarem o pai já significa um processo de identificação, o qual será acentuado no momento em que esse se torna o centro da cultura do grupo, o totem. Em outras palavras, quando devoraram o pai, os filhos já tinha determinado, ainda que inconscientemente, uma tradição centrada no macho, no patriarca, agora diluído em vários machos e na própria representação e estruturação da sociedade. A questão que colocamos é a seguinte: a escolha de Simão em negar-se ao perdão, em insistir em uma não reintegração à sociedade, não seriam também uma resultante de uma compulsão em matar o próprio pai? Tal repúdio parece guardar essa iniciativa. Em resposta às violências sofridas, Simão responde à castração a que foi vítima com a castração ao pai. Abandonando-se à morte, apostou na não continuação do legado paterno. À sua morte corresponderia, por sua parte, o fim da continuidade de Domingos Botelho. Manuel, como já vimos, foi recolocado na ordem do grupo e teve um filho, o narrador da história. Manuel, de alguma forma, transferiu a herança de sua família a uma descendência possível. Poderíamos dizer que Simão não optou inconscientemente pelo contrário? E quanto à Teresa. Não estaria ela fazendo o mesmo no momento em que optou pelo claustro e, conseqüentemente, pela esterilidade? Essa seria a forma ideal de a heroína vingar-se do sistema que coibiu seus desejos – negando seu papel de mulher, Teresa nega a concepção de rebentos e a continuidade do sistema que a aflige. Presa em um convento, utiliza-se dele, representante da castidade, para negar frutos à sociedade que o cerca. Usa de uma virtude da sociedade patriarcal (virgindade) para subtrair-se às

⁶ RICOEUR, Paul. Op. cit. p. 114-115.

normas e aos papéis impostos à sua condição feminina. A compulsão por matar o pai é, entretanto, diferente no caso do jovem casal se comparados aos filhos que sacrificaram o macho vigoroso nos tempos primitivos. Se à morte do pai, naqueles tempos, seguiu-se uma sagração à paternidade na continuação possível por seus descendentes, Simão e Teresa matam a figura paterna sem qualquer possibilidade de sacralização posterior. Desde o início negaram-se a qualquer identificação. Se os primitivos devoraram o pai buscando serem eles machos vigorosos, a atitude do casal não pretende de forma alguma tomar para si as características convencionais da sociedade patriarcal. Buscam apenas negá-la na própria morte – mortos, não serão herança a adorar o totem; mortos não possibilitarão herança a adorá-lo.

Há outros pontos no ensaio de Ricoeur *A psicanálise e o movimento da cultura contemporânea*, da obra *O conflito das interpretações*, que podem levar a reflexões muito pertinentes sobre *Amor de perdição*. Entre esses pontos há a referência ao *Mal-estar na civilização*. Tal sentimento nos indivíduos que participam de uma cultura é conseqüência de um desconforto causado pelo processo de refreamento da libido desses indivíduos no que tange a desejos ditos proibidos pela cultura e que, apesar de proibidos, não cessam de existir no inconsciente de cada um. A cultura assim, funcionaria em um código de privação dos desejos em cada um de seus integrantes. Apesar dessa privação, o ser humano não pode prescindir de cultura. Um impulso erótico o levaria a adaptar-se a um grupo, uma necessidade o impulsionaria a aceitar-se em uma união de seres isolados numa comunidade cimentada por suas relações libidinais recíprocas. Ora, é justamente esse preço que cada indivíduo paga para ser aceito no grupo: o "abafamento" dos desejos, que causa o *Mal-estar na civilização*:

No máximo, podemos dizer, de um lado, que a libido resiste com toda a sua força de inércia à tarefa, que a cultura lhe impõe, de abandonar suas posições anteriores; do outro, que o elo libidinal da sociedade alimenta-se com toda a energia retirada da sexualidade, até ameaçá-la de atrofia. Mas tudo isso é tão pouco trágico, que podemos sonhar com uma espécie de armistício ou de composição entre a libido individual e o vínculo social.⁷

A questão que coloca Ricoeur posteriormente é que o armistício na realidade não ocorre – o que resulta é uma pulsão de morte aos indivíduos reprimidos pela cultura. E trabalharemos com uma citação de Freud escolhida por Ricoeur:

A parte de verdade que tudo isso dissimula e que de bom grado negamos resume-se assim: o homem não é esse ser complacente, de coração sedento de amor, de quem se diz que se defende quando atacado, mas um ser, pelo contrário, que deve carregar, na conta de seus dados instintos, boa dose de agressividade... Com efeito,

⁷ RICOEUR, Paul. Op. cit. p. 109.

o homem é tentado a satisfazer sua necessidade de agressão de seu próximo, de explorar seu trabalho sem reparação, de utilizá-lo sexualmente sem seu consentimento, de apropriar-se de seus bens, de humilhá-lo, de infringir-lhe sofrimentos, de martirizá-lo e de matá-lo. *Homo homini lupus...*⁸

Podemos, entender, talvez, o porquê das reações violentas dos integrantes das famílias de Simão e de Teresa. São eles indivíduos que possuem também seus desejos proibidos. A questão é que esses desejos são tão proibidos que não se manifestam. Justifica-se, assim, a necessidade que têm em punir seus filhos. Esconderam seus desejos mais profundos, refrearam toda as instâncias de sua libido. Tudo o que mostram querer é o que pode ser socialmente aceitável aos padrões da época – um casamento idealizado por valores sociais, filhos limitados por um comportamento adaptado às normas e convenções e representado o nome da família na sociedade vigente, uma posição de importância da organização social aristocrática. Não podem tolerar assim a presença de alguém que renegue seus valores. Da mesma forma como a sociedade pune o drogado e o lunático, Simão e Teresa deverão encontrar uma rigorosa punição. São vítimas de pulsão da morte de seus pais, que não se diferenciam do resto da sociedade. No momento em que Simão é condenado à morte, toda uma multidão aprova, em gritos, a pena que lhe é sentenciada. São todos motivados pela pulsão de morte que recrimina, agora utilizando a lei, quem matou. Apesar de terem entre si um assassino, é para eles justa a morte a quem mata. Sua censura à pulsão de morte aliviará a sua culpa no flagelo de um assassino.

Resta saber se Simão e Teresa possuem a pulsão de morte resultante das proibições da censura aos desejos da libido. Se nossas reflexões anteriores guardam possíveis pontos de polêmica, o que segue não fugirá a discussões. A questão a que pretendemos defender é que a pulsão de morte voltada ao semelhante, como é mencionada na citação, não ocorrerá em Simão e Teresa. Se, no meio da narrativa, Simão assassina Baltazar, não o faz como alguém que, sentido o *mal-estar na civilização*, sofre de uma pulsão de morte resultante de uma culpa que coíbe desejos proibidos transformando-os em agressão. Simão não o faz simplesmente porque não sofre de culpa alguma por amar Teresa – Simão mata seu opositor, mas o mata por ser ele um representante da sociedade que proíbe seu amor pela filha de Tadeu de Albuquerque. Desprovido de censura interna, Simão não hesita atacar a seu "censor" externo. Poderíamos dizer que, da mesma forma com que Simão dá termo à vida do primo de Teresa, poderia ter matado qualquer outro que surgisse como obstáculo a seu amor, até mesmo (ou, talvez, principalmente) seu pai. Simão mata um legítimo representante da sociedade patriarcal – em outras palavras, Simão, ao matar

⁸ FREUD, S. apud RICOEUR, Paul. Op. cit. p. 110.

Baltazar, quer matar a sociedade, quer matar seu pai. Prova disso é que apenas projeta-se com violência aos envolvidos que pretendem intervir em seu amor. Nem mesmo um esforço contra a sua vida lhe fere tanto. Quando faz, juntamente com João da Cruz, um prisioneiro de uma emboscada contra sua vida arquitetada por Baltazar, pede inutilmente a João que poupe a vida daquele que há pouco fora contratado para matá-lo. Se sofresse da pulsão de morte não hesitaria em deixar manifestar-se a hostilidade primordial que cada homem tem pelo próximo, ainda mais se justificada pelo sentimento de revolta por ter tido a vida em perigo. A atitude de Teresa também é semelhante. Como já dissemos, Teresa opta pela própria morte, como forma de talvez golpear a própria sociedade que a faz padecer sofrimentos (já discutimos sobre a possibilidade desse mesmo aspecto a respeito de Simão). Agora, então, podemos chegar ao ponto que pretendíamos. Simão e Teresa não sofrem de uma pulsão de morte. Não sofrem, porque não possuem o *mal-estar da civilização* que se faz existir pela culpa. Teresa e Simão jamais se sentem culpados pelo seu amor proibido. Se são agressivos com os seus familiares, é porque esses representam a estrutura que os oprime. Buscam, na morte, não uma satisfação de uma pulsão, mas um desejo de exclusão da sociedade. Vêm na própria morte uma saída. Em apresentação a uma edição de *Amor de Perdição* 9, Célia A. N. Passoni⁹ comenta:

Não há relação de carinho entre eles (*os elementos das famílias*), muito menos manifestam qualquer afeição mais profunda pelos filhos, excetuando-se a irmã de Simão, única a ter algum sentimento humano. Neste sentido, a casa da família deixa de ser abrigo e passa a ser um espaço humano opressor. Entende-se, assim, por que o convento e a prisão se transformam em ambientes de "libertação", afirmando-se no pedido de permanência de Teresa de Albuquerque, e pela obstinação de Simão em cumprir seu destino (p. 9).

Parece-nos, então, defensável a idéia de que Simão e Teresa não possuíam pulsão de morte. O que queriam era libertar-se da sociedade, mesmo que para isso fosse necessário matá-la na própria morte: *sua agressividade é uma defesa, não uma compensação*.

Essa discussão poderia ainda ser aplicada a outras personagens. Em nenhum momento foi analisada, por exemplo, a personagem Mariana. Talvez sua análise pudesse ser algo comparado às análises de Simão e Teresa, mas seria conveniente que se observassem algumas diferenças. O relacionamento dela com seu pai, João da Cruz, é totalmente diferente do relacionamento dos protagonistas para com suas famílias. O que teríamos em comum é o fato de que, sendo seu pai um indivíduo da classe inferior nos padrões aristocráticos e financeiros da sociedade de então, seria Mariana in-

⁹ PASSONI, Célia A. N. Apresentação. In: BRANCO, Camilo Castelo. *Amor de perdição*. São Paulo: Núcleo, 1993. p. 9.

diretamente vítima da ordem patriarcal. Seu pai não seria, por sua origem, jamais um patriarca – Mariana estaria submetida a um patriarcado que não reservaria poder a um familiar seu (a submissão de João da Cruz ao filho de Domingos Botelho talvez nos indique a aceitação deste à hierarquia patriarcal; para ele Simão talvez guardasse poderes patriarcal, por ser de um estrato mais elevado da sociedade) – para Mariana a condição em que se encontra lhe é evidente. Não se julga digna de competir com a mulher escolhida por Simão, mas ao mesmo tempo, fiel a seus desejo, prefere a morte abraçada ao corpo de seu amado. Possivelmente poderia ser comparada ao casal que prefere a exclusão.

Podemos pensar em mais um aspecto que identifica Mariana ao casal: se Simão e Teresa por defesa poderiam ser agressivos perante aqueles que de alguma forma serviam de obstáculo à realização de seu amor, Mariana em nenhum momento agride à Teresa, que detém o amor de Simão. E isso se justifica. Simão e Teresa defendiam-se agredindo os representantes da ordem patriarcal que impossibilitavam sua união; Mariana não pode fazer-se adversária de Teresa pois essa não representa a ordem que faz delas e de Simão vítimas. Ambas estão na mesma face da opressão, são vítimas das mesmas condições da ordem patriarcal – uma não pode ter seu amor por deliberação dos patriarcas, outra não pode por normatização da ordem estabelecida que evita aproximarem-se integrantes de classes sociais diferentes. Simão, Teresa e Mariana não poderiam enquadrar-se em um mundo assim. O amor que sentiam era estranho às ações e sentimentos humanos daquela sociedade – sua perdição foi amar com a força corrosiva de um vício e com as desmedidas da loucura. Foram condenados, mas fizeram de sua pena a condenação de toda uma cultura.

A leitura proposta à obra *Amor de Perdição*, neste trabalho, admite-se pequena e parcial. Se não buscamos analisar outros tantos personagens, é porque não objetivamos em nenhum momento um estudo exaustivo e minucioso da obra. Nossa pretensão era apenas mostrar como uma avaliação precipitada desse romance, ou uma aplicação "didática" de sua temática às "características gerais" do romantismo, ou ainda qualquer outro estudo superficial, são formas que, por serem simplistas, fecham questões e anulam pontos de grande interesse da obra de Camilo, assim como nas grandes obras do romantismo. Defender análises "coladas" de manuais de literatura não é ler literatura. Jamais conseguiremos adentrar na arte do escritor se não vencermos as barreiras que separam leitor e leitura – para lermos uma narrativa do século passado é necessário que façamos um exercício de "tradução", é necessário que traduzamos o mundo da obra para o nosso mundo, eliminando o conflito, aproximando nosso horizonte do horizonte da obra. Uma leitura efetiva é uma leitura na qual quem lê e quem é lido compartilham-se, dialogam. De que outra maneira poderíamos viver a crise portuguesa do oitocentos, que Camilo pretendeu mostrar em *Amor de*

Perdição? Ou ainda é possível que possamos pensar que a intenção do autor era somente narrar uma história de amor de final infeliz, provocando lágrimas em suas leitoras? Camilo tentou agredir a sociedade em que vivia através de uma história de amor, jamais esqueceu de seu compromisso de questionador. Golpeou sem piedade a família, a justiça e o clero, denunciou sutilmente, mas com força, a sociedade portuguesa presa à rigidez das conveniências aristocráticas que barrava o liberalismo ao mesmo tempo que tentava aburguesar-se na exagerada valorização do patrimônio, da posse, da quantia, da competição. Subjacente a uma trama tipicamente romântica, tramita nessa obra uma violenta crítica à sociedade portuguesa de então, aos valores patriarcais conservadores que, imperfeitamente adaptados ao individualismo liberal dito progressista, deram origem a um hibridismo de valores confuso e cerceador. Liberalismo e dinastia fundiram-se, assim como competição e tradição. Aos que ignoraram a importância da disputa e desprezaram as tradições só restava a exclusão.

Bibliografia Consultada

- BRANCO, Camilo Castelo. *Amor de perdição*. São Paulo: Núcleo, 1993.
HAUSER, Arnold. *História Social da Literatura e da Arte*. v. 2. 3. ed. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1980.
PALMER, Richard, E. *Hermenêutica*. Lisboa: Edições 70, s/d.
RICOEUR, Paul. *O conflito das interpretações: Ensaio de Hermenêutica*. Rio de Janeiro: Imago, 1978.
TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1970.